

# «QUE DEUS UNE A VOSSA OFERTA AO SACRIFÍCIO DE CRISTO»

Apresentação da tese – terça-feira, 17 de junho de 2025

## Introdução

Por que apresentar hoje um estudo sobre a teologia da consagração religiosa? Sessenta anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, constatamos que este conceito conciliar se impôs na linguagem comum: falamos de «teologia da vida consagrada»; existe na Cúria um dicasterio dedicado «aos institutos de vida consagrada» e falamos habitualmente de «pessoas consagradas» para designar os fiéis que fizeram profissão de viver segundo os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. No entanto, muitas vezes se levantam para questionar a oportunidade de utilizar este conceito neste domínio específico: diz-se, por exemplo, que se trataria de uma novidade do Concílio ou que isso poria em risco a igualdade dos fiéis baseada na consagração batismal. Além disso, salienta-se que, ao longo da história, a palavra «consagração» foi utilizada para designar tantas realidades diferentes que seria demasiado confuso referir-se ao cerne da vocação de seguir Cristo: falou-se da consagração de um cálice, da consagração ao Sagrado Coração ou ao Imaculado Coração de Maria, mas também é possível consagrar-se ao desporto ou à leitura, e a carreira de um futebolista é consagrada pelo «Bola de Ouro». Então, pode a consagração ser realmente «a base» da vida religiosa, como afirma o Magistério recente (EE 5)?

Esta afirmação, bem como o facto de o último documento magisterial dedicado a este tipo de vida se intitular *Vita consecrata*, indica antes que a Igreja, no seu ensinamento, propõe precisamente esta categoria como fundamental para definir a natureza deste tipo de vida.

Compreende-se melhor, então, por que vale a pena continuar a explorar esta noção. Ela diz respeito a nada mais do que à identidade profunda desta forma de vida cristã. O que significa ser consagrado pela profissão? Tal é a questão do presente trabalho.

No tempo que nos é concedido, não pretendemos apresentar um resumo de todo este trabalho. Explicaremos as razões da estrutura da investigação, apresentaremos depois os três capítulos nas suas linhas gerais, antes de destacar os resultados mais relevantes do nosso estudo.

## A. A ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

Para responder à questão, partimos de uma intuição simples: tal como o batismo ou a ordenação podem ser compreendidos à luz da sua celebração ritual, também o conceito de consagração religiosa deveria poder ser esclarecido à luz do que acontece durante a celebração da profissão religiosa.

A concretização desta hipótese de trabalho revelou-se, no entanto, tudo menos simples. Em primeiro lugar, era necessário precisar de que forma a liturgia poderia ser utilizada pela teologia. Era igualmente necessário traçar a história do desenvolvimento do rito e ter em conta não só a tradição ocidental, mas também a tradição oriental. Em última análise, era necessária uma investigação histórico-litúrgica séria para se chegar a conclusões teológicas bem fundamentadas.

Mas, numa perspetiva mais ampla, outras dificuldades tornaram necessário alargar o discurso para além da liturgia. Para compreender em que sentido a profissão religiosa realiza uma «consagração nova e especial» (VC 31), era necessário, em primeiro lugar, compreender o que é uma consagração. E isto, não tanto nas religiões em geral, mas no contexto específico da revelação cristã. É por isso que o primeiro capítulo explica o conceito de consagração a partir da Escritura.

Embora esta primeira abordagem ofereça a base necessária para a compreensão cristã do conceito geral de consagração, ela não é, por si só, suficiente para compreender em que sentido a Tradição atribuiu esse conceito àqueles que se comprometem com a vida religiosa. O segundo capítulo traça, portanto, o desenvolvimento

progressivo do ensinamento da Igreja sobre o nosso tema, para compreender por que razão e em que sentido a *Ecclesia docens* utiliza o conceito de consagração em relação àqueles que professam os conselhos evangélicos.

Com base nisso, foi possível concretizar a nossa intuição inicial: no terceiro capítulo, pretendíamos compreender o conceito de consagração religiosa a partir da fé da Igreja, tal como é transmitida pela sua celebração litúrgica. Por outras palavras, recorreremos à *lex orandi* para nos ajudar a compreender o significado do que a Igreja faz quando celebra a profissão.

Como se pode ver, a nossa investigação visa propor um esclarecimento a partir da própria vida da Igreja. Ao ouvir a sua palavra através da Escritura, do Magistério e da sua oração – *auditus fidei* –, procurámos destacar o facto da consagração tal como o ato de profissão o torna visível. Só então serão possíveis outros aprofundamentos (*intellectus fidei*).

Depois de explicarmos a razão da estrutura ternária da obra, apresentamos brevemente o conteúdo dos diferentes capítulos.

## **B. CONTEÚDO DOS CAPÍTULOS**

### *B.1. A consagração nas Escrituras*

A redação deste capítulo bíblico revelou-se bastante difícil. Para além do facto de poucos exegetas terem abordado o tema da consagração nas Escrituras, tivemos de enfrentar o debate atual sobre o método hermenêutico. No que nos diz respeito, propusemos uma leitura do texto inspirado que tem em conta a dinâmica da Revelação: o Antigo Testamento prepara o cumprimento que se realiza em Cristo e se prolonga no tempo da Igreja.

A primeira parte do capítulo destaca os diferentes contextos em que o conceito de consagração é utilizado no Antigo Testamento. Por trás do termo que utilizamos nas línguas modernas, existem, na verdade, três raízes hebraicas diferentes. Tendo em conta o tema, aprofundámos as consagrações pessoais, nomeadamente as dos primogénitos, dos sacerdotes, dos reis, dos nazireus e dos profetas.

Em seguida, examinámos a forma como Cristo cumpre estas diferentes consagrações e, depois, estudámos as diferentes formas como Ele faz com que os seus discípulos participem nelas.

Esta investigação permite, assim, compreender a especificidade da consagração no contexto da Revelação cristã.

### *B.2. A evolução do ensinamento do Magistério sobre a consagração religiosa*

Para levar a cabo esta investigação, centramo-nos na utilização deste conceito pelo Magistério. Ao redigir este capítulo, começámos por nos questionar por que razão e em que sentido o Concílio Vaticano II recorre a este conceito. É, de facto, uma ideia bastante difundida entre os estudiosos que a teologia da vida consagrada tem as suas raízes no ensinamento do último concílio. De um ponto de vista metodológico, era importante partir do texto do Concílio. Dadas as controvérsias que surgiram sobre o nosso tema, era igualmente necessário ter em conta a história da sua redação: neste contexto, a principal fonte do trabalho foram as Atas do Concílio, por vezes esclarecidas pelos cadernos do Concílio de alguns bispos ou peritos que participaram na redação dos textos sobre a vida religiosa e que foram recentemente publicados.

Mergulhar em todos esses textos, muitas vezes em latim, foi uma fase intensa, mas muito interessante do trabalho. Tínhamos a sensação de ver os Padres ou a comissão doutrinária em ação. Estávamos prestes a iniciar outra tese, nomeadamente investigar o trabalho da comissão teológica sobre o capítulo VI da *LG* a partir dos

seus arquivos ainda não publicados, mas, felizmente, o nosso orientador ajudou-nos a manter-nos no caminho certo.

De facto, a nossa investigação sobre o significado da consagração na *LG* ajuda-nos a compreender que este conceito foi utilizado pelos Padres para expressar o núcleo teológico da vida segundo os conselhos. Esta baseia-se não só na profissão desses conselhos – que expressam a entrega total de si a Deus, amado acima de tudo –, mas requer também a ação divina (n.º 44) e a mediação litúrgica da Igreja (n.º 45).

Perguntámo-nos então em que medida este ensinamento era novo. Os Padres do Concílio não tinham a intenção de inovar, pelo que era provável que houvesse precedentes no Concílio Vaticano II. Tais precedentes foram encontrados em Tertuliano, Santo Agostinho e, sobretudo, São Tomás de Aquino. Chegámos assim à *Provida mater Ecclesia (1947)*, o primeiro documento magisterial a fazer um uso interessante do conceito de consagração, em resposta ao problema da identidade dos institutos seculares.

Depois de esclarecido o passado, foi possível voltar a atenção para o período pós-conciliar. Ao analisar os documentos mais relevantes do magistério, desde São Paulo VI até Francisco, é possível observar o desenvolvimento progressivo da doutrina magisterial sobre a consagração religiosa.

### B.3. À escuta do testemunho da liturgia

O terceiro capítulo constitui o cerne da nossa investigação. Após algumas precisões metodológicas sobre a relação entre teologia e liturgia, o estudo divide-se em quatro partes. Cada uma delas inclui uma apresentação histórico-litúrgica das principais etapas do desenvolvimento do rito da profissão e conclui com uma análise teológica das mesmas. Esboçámos assim a evolução desde o eventual juramento das viúvas de Éfeso a Timóteo até ao atual *Ordo professionis religiosæ* de 1970, passando pela *professio super altare*, típica da família beneditina, pela *professio in manibus*, que caracteriza as ordens medievais, e pela *professio coram hostiam*, instituída por Santo Inácio. Ao fazê-lo, mostrámos como cada um destes ritos é portador de uma certa concepção do sentido da profissão.

## **C. SIGNIFICADO DA CONSAGRAÇÃO ESPECIAL ATRAVÉS DA PROFISSÃO DOS CONSELHOS**

*Quais são, então, os resultados da nossa investigação? Vamos resumí-los de forma concisa.*

- Na Escritura, a consagração está ligada a um chamamento divino, que pertence a Deus, e a uma resposta humana necessária. Nunca é o homem que se consagra, pois só Deus pode comunicar-se. Além disso, se Israel é um povo consagrado ao Senhor, isso não exclui outras consagrações particulares.
- Prefigurada nas diversas figuras de pessoas consagradas, a noção de consagração encontra a sua plenitude em Cristo. Consagrado pelo Pai, Ele respondeu a ela com uma vida totalmente oferecida, até à Paixão. Ao consagrar-se a si mesmo, Ele permite que O sigamos neste caminho de oferta, sempre unidos ao seu sacrifício.
- Entender a vida dos conselhos como uma consagração é o resultado de um desenvolvimento progressivo. Do ponto de vista doutrinário, observa-se a transição de um termo técnico utilizado para indicar que Deus consagra, ou seja, acolhe aqueles que se oferecem a Ele através do voto de religião, para um sinónimo de oferta ou entrega de si mesmo. Atualmente, é utilizado para qualificar toda a vida daquele que fez profissão, bem como o próprio ato de profissão.
- O testemunho da liturgia atesta o desenvolvimento progressivo de um rito capaz de expressar o que se passa no compromisso religioso. Se os ritos ocidentais encontraram progressivamente nos três votos o melhor meio de expressar a oferta pessoal, o ato de profissão não se reduz a esta dimensão. A liturgia oriental e o atual rito romano testemunham igualmente a ação divina.
- Em termos gerais, a consagração pela profissão religiosa implica a ação divina, a ação humana, o instituto e a mediação da Igreja. Por ação divina, não se entende apenas a vocação,
- mas o ato pelo qual Deus aceita a oferta do chamado. O homem, através dos votos, oferece-se livremente: impelido pelo Espírito Santo, faz de toda a sua vida um sacrifício espiritual. Esta

configuração à forma terrena como o Senhor viveu a sua consagração só é possível com base num dom do Paráclito; pressupõe a imitação de Cristo através de um carisma particular e requer a mediação da Igreja.

O conceito de consagração aplicado à vida que nasce da profissão religiosa revela-se, portanto, indispensável para compreender o cerne dessa vida. Encontra-se simultaneamente na vocação especial do Pai, na resposta amorosa e voluntária do homem que se entrega e na aceitação divina através da mediação litúrgica da Igreja. As dimensões trinitária e pessoal remetem uma para a outra e convergem na Eucaristia, onde se pede a Deus que una a oferta do professo ao sacrifício do seu Filho. Daí nasce uma posição específica no mistério da Igreja e, portanto, uma missão própria.

## **CONCLUSÃO**

O nosso estudo destaca as principais características da consagração através da profissão religiosa. Ao fazê-lo, realçamos a graça específica na qual esta forma de vida tem a sua origem. É evidente que os resultados da nossa investigação devem ser lidos à luz da eclesiologia da comunhão, que permite integrar as diferentes vocações suscitadas pelo Espírito Santo no único mistério da Igreja. É a única forma de evitar o perigo de as nivelar ou de as colocar em concorrência. Percebe-se aqui a atualidade da nossa investigação, numa altura em que numerosos movimentos novos procuram o seu lugar na ordem eclesial.

Ao concluir estas reflexões, gostaria de recordar as palavras do inspirador desta universidade, São Josemaria, que escreveu: «Uma das nossas grandes missões é fazer com que se amem os religiosos». É por isso que gostaria de terminar agradecendo, em primeiro lugar, ao meu diretor, o professor Arroyo, que faz com que os estudantes da Santa Cruz apreciem a vida consagrada. Se estas páginas puderem contribuir para pôr em luz a beleza e a especificidade desta vida na Igreja, ficaremos felizes. Mas não posso esquecer – aplicando-me, em primeiro lugar, a mim mesmo – a advertência da nossa fundadora, que dizia que não precisamos de belas ideias, mas de ideias vividas e que fazem viver. É por isso que, ao concluir esta apresentação, gostaria também de agradecer à minha comunidade pelos exemplos de vida consagrada vividos e, de maneira especial, agradeço aos superiores da minha família religiosa aqui presentes – Pai Bernard e Mãe Hélène – pelo seu cuidado em nos educar a viver as exigências da nossa consagração particular, dia após dia, a fim de estarmos ao serviço de Cristo e da Igreja.